



BAITELLO JÚNIOR, Norval. A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010. 120p.

DOI 10.5433/1984-7939.2011v7n10p209

A devoração do holograma: reflexões sobre os espaços midiáticos revisitados por Norval Baitello Junior

Hologram devouration: reflections from mediagenic spaces revisited
by Norval Baitello Junior

Alberto Klein *
Dulce Mazer **

Agrupando pensamentos de Aby Warburg e Harry Pross às contribuições filosóficas de Vilém Flusser, o livro *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da comunicação* (PAULUS, 2010, 120 p.) reúne ensaios que delineiam cenários reflexivos e críticos de uma nova comunicação. O fundador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC), Norval Baitello Júnior, propõe menos uma teoria afirmativa – determinada e ordenadora – e mais uma análise sobre universos midiáticos e ambientes culturais aos quais denominamos espaços de comunicação.

De Vilém Flusser, o autor considera a compreensão dos processos de comunicação e dos fenômenos de mídia sob a ótica culturalista. Aborda, tal qual em *A era da iconofagia* (HACKER, 2006), a metáfora da devoração, reconhecendo a marca permanente de inversão entre sujeito e objeto, do homem como consumidor e consumo de seus produtos: “de devorador de sua própria criação ou produção – os tais ‘excrementos’ (a máquina e a produção industrial), o homem passa a ser devorado por eles”. (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p.15).

Segundo o livro, o consumo indiscriminado de imagens se configura como uma verdadeira iconofagia. A mudança do sentido de orientação

* Alberto Klein é professor do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Autor do livro *Imagens de culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso*, editado pela Sulina. Atualmente desenvolve projeto de pesquisa sobre imagem e ideologia no jornalismo.

** Dulce Mazer é jornalista e mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Desenvolve pesquisa sobre comunicação e representação social do corpo feminino na mídia.

em busca do poente e do crepuscular provoca uma sedação. O excesso de imagens não apenas desvaloriza seus próprios sentidos, como também provoca uma diminuição de nossa capacidade visual, gerando uma crise de visibilidade. A crise culmina na perda da sensibilidade em vivenciar uma experiência imagética.

O processo de devoração

Nos capítulos iniciais, o autor de *O animal que parou os relógios* (ANNABLUME, 2003) e *A era da iconofagia* (HACKER, 2005) se propõe a revisar uma história iconofágica e considera o olho um “objeto de devoração”, ponderando que a imagem vista também vê seu observador. Ele critica o exacerbado valor de exposição e a valorização do dispositivo de imagem. Segundo Baitello Júnior, a imagem se contamina de seu suporte. No entanto, o autor revela a importância dessa sinergia entre ícone e base: “Viver é deixar rastros que perduram e sobrevivem ao corpo.” De acordo com ele, programar o tempo por meio de rastros é delinear o futuro de uma existência.

Baitello Júnior (2010, p.30) lembra que Flusser considera a tecnologia como detrito. “A este fenômeno da inversão que faz o objeto devorado voltar-se ferozmente contra seu devorador, tão bem explorado e compreendido por tantas configurações nos textos flusserianos, deveríamos batizar como *a gula de Flusser*.” O livro aponta a “escalada da abstração” flusseriana, que primeiro aparece na obra *Filosofia da caixa preta* e marca a virada do escritor theco-brasileiro a uma posição menos apocalíptica. Constitui a “escalada” uma progressão decrescente, uma subtração de componentes, uma devoração de dimensões espaço-temporais. O mundo que se abstrai em imagem, que se abstrai em linha e ponto, que se abstrai em imagens técnicas.

Presente nos três primeiros capítulos do livro, o processo devorador descrito revela a predileção flusseriana pela base técnica

fotográfica, além de considerar o recorte da fotografia como exemplo de apropriação do sujeito e suas potencialidades para o programa da máquina fotográfica, como num ritual de magia. Flusser considera a escrita e a leitura fases do processo devorador e se apega aos expoentes do movimento modernista, especialmente a Oswald de Andrade, para explicar: “o homem devora tudo”. (FLUSSER *apud* BAITELLO JÚNIOR, 2010, p.14). O texto reinterpreta as eras histórica e pós-histórica e afirma: “quem escreve já devorou outras escrituras e quem lê devora a realidade transformada em linha de escrita”. A dimensão engolida gera tecnoimagens, cuja perda de materialidade é fruto de abstrações cíclicas.

A serpente

A relação de pecado original judaico-cristã que há entre a serpente e a maçã é descrita por Baitello Júnior para expressar o domínio dos novos meios e as infinitas possibilidades que a desmaterialização permite.

No quarto capítulo do livro, o autor insere as reflexões teóricas de Aby Warburg sobre a comunicação visual no início do século XX. Um dos estudos do alemão relaciona a capilaridade dos meio elétricos ao rastro de um raio na cultura dos índios Pueblo. De acordo com o pesquisador português Antonio Guerreiro, em 1923, Warburg fazia uma conferência na clínica psiquiátrica de Kreuzlingen, onde esteve internado, o que deveria ser uma prova de que já estava em boas condições mentais para regressar à civilização. Ele fazia uma incursão antropológica ao “ritual da serpente” da tribo dos Pueblo, na América do Norte. Warburg teria notado que a fotografia de fios elétricos na cidade de São Francisco de 1896 rememorava o ritual indígena. A capilaridade elétrica e a onipresença da energia culminariam na propagação dos meios terciários de comunicação e na relativização da sociabilidade.

Agregando as idéias de Warburg (rememoração imagética), Pross (expansão do corpo em mídias terciárias) e Flusser (escalada da abstração), o escritor propõe a ciência da comunicação não apenas como uma ciência social, mas como uma ciência da cultura. Baitello Júnior vai além. Propõe esta última como a grande área da qual as ciências da comunicação devem “participar”.

Na retomada da imagem como grande e universal linguagem, na qual se estabelece um sistema de vinculação social, nota-se a evolução tecnológica em contraposição a uma regressão aos modelos arcaicos de compreensão. Baitello Júnior (2010, p.72) chega a mencionar o neoanalfabetismo crescente em algumas camadas da população. Segundo o autor, esta sociedade um dia alfabetizada “desaprende esta complexa habilidade em razão da avassaladora iconização do meio ambiente cultural e dos meios de comunicação”. Sem dúvida, um grande prejuízo apontado pelo autor para a crise da visibilidade.

A obra não apenas propõe diagnósticos de um universo de crises e saturação de imagens e informação. Não somente identifica a falta de foco de teorias redutoras na tentativa de observar os fenômenos midiáticos. Mas também costura contribuições de autores pouco lidos na área, como Harry Pross, Gunther Anders, Hans Belting, Dietmar Kamper, além de Tetsuro Watsuji, a fim de desatar nós, como o intrincado problema das tensões e deslocamentos operados pelos media em relação ao corpo, ao imaginário e à cultura.

É notável, neste sentido, a tentativa de Baitello Júnior de criar fissuras para resgatar a memória profunda desta relação, desde a imagem primeira da mão, como mediadora entre o corpo e o mundo, nos tempos longínquos de um ancestral humano, passando pelas pinturas parietais de Lascaux e São Raimundo Nonato, aos dígitos e cálculos (pedrinhas, do grego) da sociedade informatizada.

O conceito de ambiente, nesta proposta, estabelece-se como fator fundamental a ser enfrentado nos estudos dos processos comunicacionais e midiáticos, de uma maneira diversa da qual trabalhou, por exemplo, McLuhan. Se este ainda se limita a uma visão de ambiente determinada

pela técnica, Baitello Júnior encontra em Watsuji a possibilidade de estabelecer este conceito fora do determinismo midiático e longe do senso comum que o toma apenas como cenário ou pano de fundo. Para o filósofo japonês, o ambiente pressupõe jogos, interações e intenções humanas em sua relação com seu tempo e seu mundo. Segundo Baitello Júnior (2010, p.83) “significa estar integrado a ele, configurando-o e sendo configurado por ele”. Daí a importância de pensar a comunicação e os meios sem isolá-los como partes de um processo, como o fazem os modelos tecnicistas, mas, pelo contrário, deve-se chamar ao diálogo conceitos *ambientais* como, iconomania (Anders), reprodução mecânica (Benjamin) ou pós-história (Flusser). Isto certamente significa propor caminhos mais tortuosos e complexos, mas os fenômenos da comunicação, da imagem e da mídia jamais permitirão atalhos.